



[www.observatoriodacritica.com.br](http://www.observatoriodacritica.com.br)

### **Entrevista de Luiz Costa Lima**

Especial para o Jornal do Brasil

Mil folhas Jornal & Literatura

Disponível em: [www.claudianina.com.br/entrevistas/ent10.html](http://www.claudianina.com.br/entrevistas/ent10.html).

Acesso em 29 de nov. 2008.

### **Conexão história e literatura: ensaios sobre o horror**

Cláudia Nina

"Se me contentasse em explorar a experiência contemporânea do horror, faria dobradinha com o sensacionalismo repugnante. Além do mais, sem dimensão histórica, qualquer questão das chamadas ciências humanas se torna rasa e rala". Luiz Costa Lima

O que um texto português de 1614 tem a ver com a experiência do horror contemporâneo? Para o teórico e crítico de literatura Luiz Costa Lima, muita coisa. Quando estava dando aulas de Literatura Comparada na Universidade de Johns Hopkins, em Baltimore, o professor estava às voltas com um ensaio sobre Peregrinação, de Fernão Mendes Pinto, que narrava a expansão portuguesa na Ásia. A leitura do relato setentista somou-se a uma outra experiência, esta bem pessoal. Cercado de miséria, racismo e violência por todos os lados, o campus americano pareceu-lhe uma espécie de ilha da fantasia, distante da áspera realidade que acontecia a alguns metros dali.

Percebeu, então, uma conexão importante a ser feita: cruzar literatura e história, a fim de analisar a experiência do horror de hoje a partir de suas origens remotas no século 16 com a expansão colonial do Ocidente para o Oriente, acrescentando a esta mistura autores como Conrad e

Gabriel García Márquez. Estava pronto o argumento de Redemunho do horror: as margens do Ocidente, de Luiz Costa Lima, também é autor de A literatura e o leitor, Mímeses e modernidade, Intervenções, entre muitos outros.

Dividido em três partes, este grande ensaio é mais um exemplo do requinte intelectual do crítico. A primeira seção enfoca os relatos que, a exemplo de Peregrinação, falam dos momentos cruciais da expansão ocidental rumo à Ásia e à África através das narrativas dos viajantes, como em Ásia, de João de Barros e em Década IV, de Diogo do Couto; a segunda é dedicada a uma detalhada análise da obra do escritor polonês, naturalizado inglês, Joseph Conrad, desde o início de suas aventuras náuticas e os principais romances de viagem; a terceira aborda o delicado tema da América pós-colonial recriada por Gabriel García Márquez, Alejo Carpentier e William Henry Hudson.

Segundo o autor, o horror não é a mesma experiência para vencedores e vencidos. Ele assinala dois tipos: o horror das metrópoles e o das colônias. A distinção se faz sentir nitidamente no mundo contemporâneo:

– O horror moderno tem duas faces: no bloco metropolitano, tende a assumir um tom psíquico dominante (a angústia, a dor sem objeto, a falta de sentido), ao passo que nas margens domina o horror físico da tortura, da guerra e da morte inesperada. Como seria impossível analisar os dois lados em um só livro, preferi acentuar o que se passa "nas margens do Ocidente" – explica.

Às vezes, um tipo de horror tende a se mesclar ao outro, como acontece nos grandes romances de Faulkner dos anos 1920 e 1930, antecipando, segundo o professor, uma tradi-

ção que Truman Capote, Saul Below e Philip Roth irão desenvolver nas últimas décadas. Costa Lima, no entanto, evitou se enveredar pela "fusão dos horrores".

- No livro, ofereço um exemplo de Below, com *Agarre a vida*, e outro de Roth, com *A marca humana*, mas desenvolver esse tema exigiria muito mais espaço do que eu me concedera - diz o autor.

O professor ressalta que a necessidade de analisar um tema tão complexo a partir de uma perspectiva histórica surgiu como uma reação contra o que chama de "euforia e sensacionalismo mercadológico".

- O dia-a-dia do indivíduo contemporâneo é cada vez mais saturado pela euforia oba-oba que a mídia adota. Quando ela não é possível, seus redatores empregam um tom sensacionalista. Por isso, preferi destacar o lado escuro que tem acompanhado a expansão do Ocidente - relata.

Ele explica a opção por privilegiar uma dimensão histórica na abordagem que faz do horror:

- Se me contentasse em explorar a experiência contemporânea do horror, faria dobradinha com o sensacionalismo repugnante. Além do mais, sem dimensão histórica, qualquer questão das chamadas ciências humanas se torna rasa e rala. Optei por isso em mostrar os portugueses do século 16, na Ásia, como inauguradores do horror em dimensão mundial. Eles são nada menos que nossos contemporâneos. Como não o será menos Conrad, no século 19.

Joseph Conrad, aliás, toma grande parte de *Redemunho do horror* na segunda seção em dois grandes capítulos que abordam, sempre a partir do texto, como o autor expressou

a experiência do horror em sua ficção. Como escreve Costa Lima: "A reflexão a ser desenvolvida pela ficção conradiana tem dois núcleos: o exame de como os agentes brancos, ante a situação da colonização, reagem à deteriorização dos valores integrados a seu etos e do enfrentamento múltiplo, não só político e econômico, entre colonizadores e colonizados".

Costa Lima analisa ainda como um autor pouco conhecido no Brasil, o argentino William Henry Hudson, de pais ingleses, realça o horror em seus escritos. Segundo o professor, a escolha dos autores não se deu pela qualidade dos textos propriamente dita, mas sim pela ênfase que os mesmos dão ao tema.

- Hudson era importante para a demonstração do que eu pretendia fazer por ser um inglês radicado nos pampas que, ao voltar ao seu país, apresentava a visão do continente marginalizado por um metropolitano. Os pampas, por extensão a América do Sul, seriam uma resposta à vida nos países avançados desde que se mantivessem atrasados - relata o autor, que contrasta Hudson com Conrad.

- Enquanto o atraso idílico de Hudson se mostrava por uma ficção que se queria embasada numa observação documental, a intuição de Conrad se fundava em um relato puramente ficcional. Como puramente ficcional será a apresentação do horror nas margens de um Carpentier e um García Márquez - conta.

Um aspecto que chama a atenção em Redemunho do horror é a ausência de capítulos dedicados a autores brasileiros, ao passo que o crítico reserva uma parte inteira para os latino-americanos García Márquez e Carpentier. Em alguns

trechos da última seção, Costa Lima cita obras como Os sertões, de Euclides da Cunha, mas não chega a desenvolver o tema. Será que a literatura nacional seria fraca quanto à expressão do horror? Para o crítico, não se trata de valor artístico, mas sim de um caráter sócio-histórico.

- Ao chegar à terceira seção do livro, pensava dedicar uma parte sobre o Brasil. Aí, tive a surpresa de verificar que, entre nós, o horror aparece como uma questão interna. Como se o país fosse uma grande "casa grande" que produz tudo, inclusive o horror. Analiso as exceções do Drummond dos poemas da guerra, a tentativa de Callado em Reflexos do baile, mas verifico que a análise da experiência não vai adiante ou não assume força interna. Apenas recentemente, com os romances de Milton Hatoum e Bernardo Carvalho, isso começa a mudar.

Luiz Costa Lima não pretendeu fazer o trabalho de um historiador ou de um antropólogo; sua investigação se dá a partir das formas discursivas, tendo sempre o texto - documental ou ficção - como elemento primordial de trabalho. E talvez por isso reaja tão categoricamente quando perguntado acerca de sua opinião quanto ao papel dos Estudos Culturais no cenário das Letras.

- Os estudos culturais têm sido a chave para a feitura de ensaios e teses de autores que, tratando de temas literários, não sabem muito bem que diabo pode ser literatura; que, por isso, misturam amadoristicamente informações históricas, sociológicas, antropológicas a pretexto de escrever sobre um tema literário. Neste sentido, eles são uma extensão do sensacionalismo oba-oba que domina a linguagem mediática. - completa.